
DEIXAR A CIDADE. VIR PARA A TERRA O DISCURSO URBANO EM MOVIMENTO*

*Suzy Lagazzi-Rodrigues***

Resumo

Neste trabalho busquei olhar para a cidade a partir da exterioridade que a constitui. Na tentativa de compreender um pouco mais os processos de identificação do sujeito urbano na organização social moderna, tomei o espaço do assentamento do MST como um contraponto para analisar a maneira pela qual o sujeito marcado pela não-voz da cidade redefine seus espaços de referência.

Os processos de identificação do sujeito na organização social moderna são afetados pela relação com a cidade, e na tentativa de compreender de que ordem é essa relação, proponho-me a analisar espaços que configuram fronteiras da urbanidade. Para entender a cidade e suas práticas não podemos perder de vista movimentos que se mostram como pontos de dispersão do urbano e dão visibilidade a relações que se afirmam no contraponto da cidade. As tentativas dos sujeitos de redefinição de seus espaços de referência tocam a cidade e expõem o funcionamento urbano: identificam conflitos, mostram confrontos silenciados e dão visibilidade a processos de exclusão da cidade.

* Apresentado no II Coloquio Latinoamericano de Analistas del Discurso, Buenos Aires, agosto de 1997. Este texto constitui uma interseção entre minha pesquisa que integra o projeto temático *O Sentido Público no Espaço Urbano*, desenvolvida no Labeurb, e a pesquisa que resultou em minha tese de doutorado, intitulada *A Discussão do Sujeito no Movimento do Discurso*, apresentada ao DL/IEL/Unicamp em julho de 1998. Esta é uma versão parcialmente modificada de um dos capítulos da tese.

** Professora do Departamento de Lingüística do IEL, Unicamp.

Para tornar visíveis os modos pelos quais a cidade exclui e é excluída e para que possamos entender como ela significa e é significada, há necessidade de pensarmos como se estabelecem o fora e o dentro da cidade, pensarmos os limites do urbano.

No Brasil, o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra* – MST –, criado em 1984, define-se como um movimento de massas de caráter sindical, popular e político, que luta por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade (*Caderno de Formação* nº 23, julho de 1995). Embora o confronto pela terra tenha uma especificidade que o localiza fora dos limites da cidade, já que é uma luta que se concretiza no campo com as ocupações/invasões, o MST define a reforma agrária como “uma luta de todos”. A luta pela terra afeta a cidade em seus contornos sociopolíticos, num movimento de ressonâncias¹ com outros conflitos internos à cidade, como o Movimento dos Sem-Teto, que se mostra numa relação parafrástica² com o Movimento dos Sem-Terra, o movimento dos camelôs³ e outros mais.

O Movimento dos Sem-Terra e todos esses outros movimentos configuram a delimitação de segmentos na sociedade e, justamente por serem classificados como segmentos, são afirmados na exclusão; exclusão que não só faz parte do funcionamento urbano, mas coloca o funcionamento urbano em movimento, desloca. Essa possibilidade de deslocamento que a exclusão traz é o que estarei enfocando neste trabalho.

O MST é um movimento social que vem ocupando a terra e produzindo assentamentos, num (des)locar em que o paradoxo da palavra constrói a lógica do movimento. A sempre busca pela terra é o gesto que funda o sentido para os Sem-Terra, que não são apenas

¹ Utilizo aqui o conceito definido por Silvana Serrani em seu livro *A Linguagem na pesquisa sociocultural* (Unicamp, 1993: 47). A autora define “ressonância de significação” como um efeito de vibração semântica mútua que caracteriza o processo parafrástico entre duas ou mais unidades lingüísticas no nível do interdiscurso.

² Gostaria de ressaltar que no processo parafrástico há uma tensão entre as relações semânticas em que a busca do *mesmo* já marca o *diferente*. É o que tão bem mostra Eni Orlandi ao afirmar que as parafrases são constituídas por deslizes que marcam a historicidade no jogo das diferentes formações discursivas (“Dispositivos da Interpretação”, em *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996).

³ Mônica Zoppi-Fontana (DL/IEL/Unicamp) vem desenvolvendo um trabalho muito interessante sobre os camelôs na cidade de Campinas.

aqueles que não têm a terra, mas aqueles que se dispõem a ir para a terra, ir em busca da terra, ir ocupar a terra. Sem-Terra é uma posição em movimento, discursivamente organizada pelo gesto de ir para a terra⁴.

Os sentidos do urbano tomam sua estabilidade também da relação com a terra. É preciso lembrar que muitos dos sujeitos que se engajam na luta pela terra vêm da cidade e nessa luta há uma resignificação do que a cidade representa e do que seus limites impõem. Ir para a terra é um gesto de interpretação em relação à cidade.

No conjunto do Movimento dos Sem-Terra, o assentamento constitui-se em um espaço de confluência e imbricação de discursos. O assentamento é um lugar em que se (re)simbolizam relações das mais diferentes ordens, incluída aí a relação com a urbanidade. A terra é o espaço imediato dos assentados. Há muito para se perguntar sobre a terra e muito para se compreender sobre seus sentidos para os assentados. Há muito para se compreender sobre a cidade e o imaginário urbano que determina o estar na terra⁵. O assentamento é um espaço fecundo para a compreensão do urbano e dos processos de identificação do sujeito.

Retomo aqui as palavras de Orlandi (1995)⁶, quando afirma que “analisar é compreender a ordem do discurso em questão”. Para compreendermos a ordem do discurso urbano na referência do assentamento é preciso estabelecermos a escuta no assentamento, este um lugar de confluência entre a terra e a cidade. Meu espaço discursivo de análise tem sido o assentamento da Fazenda Ipanema, em Iperó, Estado de São Paulo, um assentamento ainda em fase de implantação.

Como a cidade significa no gesto de ‘ir para a terra’ e como significa depois, quando o sujeito já está na terra? A ocupação é um marco para o sujeito que está na luta organizada pelo MST: ele vai em busca da terra com o objetivo de fazer a ocupação.

⁴ Nesse sentido a “marcha”, caminhada feita pelos Sem-Terra durante dois meses num percurso de mais de mil quilômetros, até chegar a Brasília em 17 de abril passado, estabelece uma relação metafórico-discursiva com o gesto de ‘ir para a terra’.

⁵ Quero me referir aqui à reflexão que desenvolve Onice Payer sobre as relações entre o rural e o urbano, especificamente nos trabalhos *Educação popular e linguagem - Reprodução, confrontos e deslocamentos de sentidos* (Campinas, Unicamp, 1995), “Retrospecção e Estereotípias: Imagens Urbanas sobre o Campo” (*RUA* nº 2, 1996).

⁶ Eni Orlandi, “Exterioridade e Ideologia”. *Cad. Est. Ling.* nº 30, Campinas, jan./jun. 1996.

Com a ocupação o sujeito passa a ser acampado, e finalmente, com a divisão dos lotes, ele passa a assentado. São diferentes momentos que não se marcam por um processo gradual. Há descompassos entre esses momentos e, da mesma forma que a ocupação é um marco do Movimento dos Sem-Terra, a ida para o lote é o marco para o assentado, enquanto a transitoriedade é a marca do acampamento. A análise desses diferentes momentos é importante para mostrarmos os processos de identificação do sujeito com a urbanidade no espaço do assentamento.

Tem dia que dava vontade de voltar... Ficava sempre sozinha. ...Eu sozinha com a neta e a neta doente. Vai indo dá um desânimo, né, dá um desânimo, deu aquele desânimo em mim, falei acho que eu vou embora, mas depois, aí, dinheiro não entrava, você precisava sair, não tinha condução, pra levar a menina no médico não tinha condução... Agora não quero nem que fala, oh, tenho, nossa, tenho até medo, medo, medo de falar de ir embora. ...Agora dividiu os lotes, né, ...aqui na nossa, aqui tem o Nelson plantando na nossa terra, tem a Celina plantando na nossa terra, o Celinho plantando na nossa terra, né, e gente plantando na terra deles lá também. Então tá assim. Mas agora, ai, eu nossa senhora, não quero nem que fala, ir embora daqui de jeito nenhum. Tenho medo. ...Mas tá bom agora, graças a Deus, tá bom. Precisa dá força pros outros lá fora, gente do céu, como precisa dá força pro povo, sair daquela, daquele sufoco de viver que nem sardinha na lata, vim pra terra, não é mesmo, precisa, menina do céu, não dá...Aquele povo não sabe o que tá perdendo. Falta um pouquinho, mas não existe nada que a gente não sofra hoje, né, ...mas aqui você é livre, pras crianças... Meu neto vem aqui, cê precisa de ver como ele se esbalda, nossa, ele chega aqui fica que nem um passarinho... E assim a gente queria que todo mundo lá pensasse assim, o povo lá pensasse: gente, vamos pra terra, porque mesmo que não tenha dinheiro, mas você tem o que comer, ...você tem mandioca, cê tem batata, cê tem amendoim, cê tem milho verde, cê tem milho seco, cê tem arroz, cê tem feijão, cê tem porco, cê tem galinha, é ovo, cê não

compra nada, menina... né, vem 'bora povo da cidade, vem pra terra, ...principalmente pessoa que já é acostumada na terra, né ...já tem um pouco daquela raiz, né, da terra, vem embora, chega de encher barriga dos empresários, dos latifúndios aí, né, vem pra terra, meu Deus do Céu, olha, cê vê que vida a nossa aqui, quando que nós tava lá na cidade nós podia tá te dando atenção assim ... (Gravação realizada em 24 de março de 1997, no assentamento da Fazenda Ipanema, em Iperó, SP.)

Deste recorte, destaco algumas formulações para as quais quero chamar a atenção:

“Tem dia que dava vontade de *voltar*.”

“Agora não quero nem que fala, tenho até medo de falar de *ir embora*.”

“*Agora dividiu os lotes*, aqui tem o Nelson plantando *na nossa terra*, tem a Celina plantando *na nossa terra*, o Celinho plantando *na nossa terra*, e gente plantando *na terra deles* também.”

“*Ir embora daqui* de jeito nenhum.”

“Precisa dar força pros *outros lá fora*.”

“*Sair* daquele sufoco de viver que nem sardinha na lata.”

“*Vim pra terra*.”

“A gente queria que *todo mundo lá* pensasse assim, *o povo lá* pensasse: gente, *vamos pra terra*.”

“Mesmo que não tenha dinheiro, mas você tem o que comer, você *não compra nada*.”

“*Vem embora povo da cidade, vem pra terra*.”

“*Vem embora, chega de encher barriga dos empresários, dos latifúndios aí*.”

É muito marcante, em todas as entrevistas realizadas, a delimitação do assentamento como um espaço outro, em que o fora e o dentro estão sempre presentes:

E eu fazia muito tempo que queria ir pro sítio, tinha essa vontade de ir pra roça, mudar um pouco a rotina de vida, ...aí eu interessei de vim, conhecer;

... aí, tinha um resto ainda de coisa que a gente tinha, tinha um ônibus, um ônibus velho, aí interessei de trazer o ônibus pro assentamento pra ajudar e vim participar... Aí eu voltei no primeiro dia, ainda teve muita desistência, voltei com um ônibus cheio, levei um ônibus cheio de volta ...aí chamei meu pai, no outro dia nós viemos, ele gostou da coisa também, a mãe empolgou pra caramba, aí viemos de vez, aí eu vim primeiro com a mulher e as crianças no ônibus, depois na outra semana fui buscar os dois. Desde o início, quando a gente entrou no assentamento, eu quando entrei, por exemplo, eu e meu pai. ...o primeiro momento quando nós entramos... (Gravação realizada em 26 de julho de 1997, no assentamento da Fazenda Ipanema, em Iperó, SP.)

Nós nos deparamos, então, com as formulações *vir, entrar, sair, ir embora daqui, voltar, os outros lá fora, todo mundo lá, o povo lá, povo da cidade, vir embora da cidade, vir pra terra, trazer*. Em contrapartida, encontramos *ir pra terra, ir pro sítio, ir pra roça*. A enunciação de 'ir para a terra' marca o fato de deixar o lugar onde se está e discursivamente constrói a recusa da cidade. No entanto, embora queira ir para a terra, o sujeito fala ainda de dentro da cidade. Nesse momento, o lugar para onde se vai é ainda futuro, e por isso o sujeito se afirma na busca da terra, no objetivo da ocupação, afirma-se na negação do lugar onde está, negação daquilo que a cidade lhe impõe. Quem fala nesse momento não é o assentado, mas o sujeito que se engaja e se identifica com a luta do MST.

Um dos grandes problemas apontados no assentamento tanto pelos líderes do MST como pelos próprios assentados é a desorganização, sendo um dos grandes objetivos conseguir organizar o assentamento. Mas o que significa estar desorganizado?

Quando observamos a confluência dos diferentes discursos no assentamento, vemos que esses discursos configuram diferentes referências para o assentamento, diferentes espaços de estabilização que muitas vezes se colocam em conflito. Quando já assentado, o sujeito fala de um outro lugar, a *sua terra*, o que desestabiliza a sua relação com o discurso que se organiza pela enunciação de 'ir para a terra', que é o discurso do MST. Como já dissemos anteriormente, sem-terra é uma posição em movimento, e na medida em que o assentado passa a falar da *sua terra*, ocorre aí um deslocamento. O discurso

do MST é uma referência forte para o assentamento, principalmente quando é preciso “dar força pro povo que está lá fora”, ou seja, quando se reafirma o sentido de ir em busca da terra. Mas não há identificação entre o discurso do assentado e o discurso do Movimento. Há uma outra posição que marca a enunciação de ‘vir para a terra’, a enunciação daquele que já está na terra.

Nesse momento, entendo a desorganização do assentamento como um espaço de desestabilização discursiva e parece-me que o que constitui essa desestabilização é o confronto entre o discurso do MST e outros discursos que sustentam a ordem social, urbana. O discurso do MST consegue, no espaço do assentamento, desestabilizar a ordem social. O discurso do MST traz o político para dentro do assentamento. Por serem espaços de desorganização discursiva, os assentamentos são espaços de possível mudança.

A enunciação de ‘vir para a terra’ mostra que a cidade passa a ser não apenas mais a recusa, mas o fora, o lugar a que não se pertence mais. ‘Estar na sua terra’ é agora a referência para cada um. O assentado, apesar das dificuldades atestadas, sustenta-se no dia-a-dia pelo imaginário de possibilidades do que a roça pode dar: fartura e liberdade. E aí me pergunto: liberdade em relação a quê?

Voltemos à formulação “Vem embora, chega de encher barriga dos empresários, dos latifúndios aí”, que é o que afirma a assentada no primeiro recorte apresentado.

O assentamento marca uma mudança fundamental ao instalar uma nova perspectiva para o assentado. A posição de assentado é a posição daquele que fala de dentro da sua terra, portanto daquele que não é mais empregado. É um sujeito que fala no interior da lógica da propriedade, no interior da lógica capitalista, o que a cidade não lhe permitia fazer. O assentamento dá voz ao assentado, mas é uma voz que traz um deslocamento forte no funcionamento da propriedade. O dizer do assentado não é o dizer dos outros proprietários capitalistas: ao enunciar⁷ a *sua* terra o assentado instala um novo acontecimento discursivo, e isso porque ele se tornou dono dessa terra pela ocupação,

⁷ Quero retomar aqui a definição de enunciação de Eduardo Guimarães: “Um acontecimento de linguagem perpassado pelo *interdiscurso*, que se dá como espaço de *memória* no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo *interdiscurso*” (“Independência e Morte”, em *Discurso fundador*, Campinas, Pontes, 1993).

considerada invasão pelos outros proprietários, ou seja, na contramão da lógica capitalista, em que para ser proprietário é preciso ter o poder de compra, o assentado faz-se reconhecer/é reconhecido enquanto dono de sua terra, o que mostra que o deslocamento se dá na ordem jurídico-capitalista. Discursivamente, é necessário ir além de localizar “invadir” e “ocupar” em diferentes formações discursivas. Há aí um deslocamento no nível do interdiscurso, da memória do dizer, um acontecimento discursivo que coloca questões fortes no que se refere às relações das ordens política e jurídica, o que merece uma reflexão forte.

Pergunto-me sobre o lugar que tem a cidade no imaginário da terra e como esse lugar funda os sentidos para a terra. A cidade, para o assentado, é o lugar em que ele é calado, é o lugar da não-voz, e por isso um lugar que não possibilita um processo de identificação, não permite ao sujeito reconhecer-se através de filiações na memória do dizer. É preciso considerarmos o discurso da terra, que tem no espaço do assentamento um lugar definido, para darmos visibilidade a funcionamentos urbanos importantes e mostrarmos que a exclusão leva o sujeito a redefinir seus espaços de referência, a re-estabelecer processos de identificação. A exclusão dá voz a confrontos silenciados. O espaço do assentamento constitui, hoje, um objeto de análise de fundamental importância na sociedade brasileira. Se pretendemos compreender a dimensão do social, é importante estarmos nos perguntando sobre a exterioridade constitutiva da cidade. Tomar como objeto de interpretação o discurso da terra na referência do assentamento nos dá a possibilidade de apreender a complexidade das relações que a imbricação entre o imaginário da terra e o imaginário da cidade estabelece. A relação com a terra diz respeito à cidade e às práticas sociais e políticas aí instaladas. Acredito que é preciso pensarmos o social e o político na relação com o jurídico, para que possamos compreender os gestos que marcam os processos identitários do sujeito na organização social moderna.

Résumé

Dans ce travail j'ai cherché à regarder la ville à partir de l'extériorité qui la constitue. Pour comprendre un peu plus les processus de l'identification du sujet urbain dans l'organisation sociale moderne, j'ai pris l'espace de l'*assentamento* du MST comme un contrepoint pour analyser la manière par laquelle le sujet marqué par le non-voix de la ville redéfinit ses espaces de référence.